

fazem-me voltar á paisagem dos sentimentos humanos. Alguma cousa tenta operar o retrocesso de minha alma. Quero dar razão aos teus lamentos, erigir-te um trono, qual se fôrás a melhor criatura do Universo; mas, essa atitude, presentemente, não se coaduna com as novas lições da vida. Esses gestos são perdoáveis nas esferas da carne; aqui, porém, filho meu, é indispensável atender, antes de tudo, ao Senhor. Não és o unico homem desencarnado a reparar os proprios erros, nem sou a unica mãe a sentir-me distante dos entes amados. Nossa dor, portanto, não nos edifica pelos prantos que vertemos, ou pelas feridas que sangram em nós, mas pela porta de luz que nos oferece ao espírito, a-fim-de sermos mais compreensivos e mais humanos. Lagrimas e úlceras constituem o processo de bendita extensão dos nossos mais puros sentimentos.

Depois de longa pausa, em que a conciencia profunda me advertia solene, minha mãe prosseguia:

— Se é possível aproveitar estes minutos rápidos, em expansões do amor, porque desvia-los para a sombra das lamentações? Regozijemo-nos, filho, e trabalhemos incessantemente. Modifica a atitude mental. Conforta-me tua confiança em meu carinho, experimento sublime felicidade em tua ternura filial, mas não posso retroceder nas minhas experiencias. Amemo-nos, agora, com o grande e sagrado amor divino!

Aquelas palavras benditas me despertaram. Guardava a impressão de fluidos vigorosos que partiam do sentimento materno vitalizando-me o coração. Minha mãe me contemplava desvaneida, mostrando belo sorriso. Ergui-me, respeitoso e beijei-a na fronte, sentindo-a mais amorosa e mais bela que nunca.

## XVI

## CONFIDÉNCIAS

Consolou-me a palavra maternal, reorganizando-me energias interiores. Minha mãe comentava o serviço como se fôrava uma bênção, referia-se ás dores e dificuldades, levando-as a crédito de alegrias e lições sublimes. Inesperado e inexprimível contentamento banhava-me o espírito. Aqueles conceitos alimentavam-me de estranho modo. Sentia-me outro, mais alegre, animado e feliz.

— Oh! minha mãe! — exclamei comovido — deve ser maravilhosa a esfera da sua habitação! Que sublimes contemplações espirituais, que ventura...

Ela esbogou um sorriso significativo e obtemperou:

— A esfera elevada, meu filho, requer, sempre, mais trabalho, maior abnegação. Não suponhas que tua mãe permaneça em visões beatificas, á distância dos deveres justos. Devo fazer-te sentir, no entanto, que minhas palavras não representam qualquer nota de tristeza, na situação em que me encontro. E' antes revelação de responsabilidade necessaria. Desde que voltei da Terra, tenho trabalhado intensamente pela nossa renovação espiritual. Muitas entidades, desencarnando, permanecem agarradas ao lar terrestre, a pretexto de muito amarem os que demoram no mundo carnal. Ensinaram-me, aqui, todavia, que o verdadeiro amor, para transbordar em benefícios, precisa trabalhar sempre. Desde minha vinda, então, procuro esforçar-me por conquistar o direito de ajudar aqueles que tanto amamos.

— E meu pai? — perguntei. — Onde está? Por que não veio com a senhora?

Minha mãe estampou singular expressão no rosto e respondeu:

— Ah! meu pai! meu pai!... Ha doze anos que está numa zona de trevas compactas, no Umbral. Na Terra, sempre nos parecera fiel às tradições da família, arraigado ao cavalheirismo do alto comércio, a cujos quadros pertenceu até o fim da existência, e ao fervor do culto externo, em matéria religiosa; mas, no fundo, era fraco e maaatinha ligações clandestinas, fora do nosso lar. Duas delas estavam mentalmente ligadas a vasta rede de entidades maléficas, e tão logo desencarnou o meu pobre Laérte, a passagem no Umbral lhe foi muito amarga, porque as desventuradas criaturas, a quem fizera muitas promessas, aguardavam-no ansiosas, prendendo-o de novo nas teias da ilusão. A princípio, ele quis reagir, esforçando-se por encontrar-me, mas não pôde compreender que após a morte do corpo físico a alma se encontra tal qual vive intrinsecamente. Laérte, portanto, não percebeu minha presença espiritual, nem a assistência desvelada de outros amigos nossos. Tendo gasto muitos anos a fingir, viciára a visão espiritual, restringira o padrão vibratório, e o resultado foi achar-se tão só na companhia das relações que cultivara, irrefletidamente, pela mente e pelo coração. Os princípios de família, o amor ao nosso nome, ocuparam algum tempo o seu espírito. De algum modo, lutou, repelindo as tentações; mas caiu afinal, novamente enredado na sombra, por falta de perseverança no bom e reto pensamento.

Eminentevemente impressionado, objetei:

— Não há, porém, meios de subtrai-lo a tais abjeções?

— Ah! meu filho — elucidou a palavra materna — eu o visito frequentemente. Ele, porém, não me percebe. Seu potencial vibratório é ainda muito baixo. Tento atraí-lo ao bom caminho, pela inspiração, mas apenas consigo arrancar-lhe algumas lágrimas de arrependimento, de quando em quando, sem obter resoluções sérias. As infelizes, das quais se tornou prisioneiro, segregam-no

às minhas sugestões. Venho trabalhando intensamente, anos a-fio. Solicitei o amparo de amigos em cinco núcleos diversos, de atividade espiritual mais elevada, inclusive aqui em "Nosso Lar". Certa vez, Clarenço quase conseguiu atraí-lo ao Ministério da Regeneração, mas debalde. Não é possível acender luz em candeia sem óleo e sem pavio. Precisamos a adesão mental de Laérte, para conseguir levanta-lo e abrir-lhe a visão espiritual. No entanto, o pobrezinho permanece inativo em si mesmo, entre a indiferença e a revolta.

Depois de longa pausa, suspirou, continuando:

— Talvez não saibas ainda que tuas irmãs Clara e Priscila vivem hoje igualmente no Umbral, agarradas à crosta da Terra. Sou compelida a atender às necessidades de todos. Meu único auxílio direto repousava na cooperação afetuosa de tua irmã Luiza, aquela que partiu quando eras pequenino. Luiza esperou-me aqui, muitos anos, foi meu braço forte nos trabalhos ásperos de amparo à família terrena. Ultimamente, contudo, depois de lutar corajosa, a meu lado, a benefício de teu pai, de ti e das irmãs, tão grande é a perturbação dos nossos familiares, ainda na Terra, que voltou, a semana passada, a-fim-de reencarnar-se entre eles, num gesto heróico de sublime renúncia. Espero, pois, que te restabeleças breve, que possamos desdobrar atividades no bem.

Assombravam-me as informações referentes a meu pai. Que espécie de lutas seriam as dele? Não parecia sincero praticante dos preceitos religiosos, não comunicava todos os domingos? Enlevado com a dedicação maternal, perguntei:

— A senhora, entretanto, auxilia ao papai, não obstante a ligação dele com essas mulheres infames?

— Não classifiques assim — ponderou minha mãe — dize, antes, meu filho, nossas irmãs doentes, ignorantes ou infelizes. São filhas de nosso Pai, igualmente. Não tenho feito intercessões apenas por Laérte, mas por elas também, e estou convencida de haver encontrado recursos para atraí-los todos ao meu coração.

Espantou-me a grande manifestação de renúncia. Pensei subitamente em minha família direta. Senti o

velho apêgo à espôsa e aos filhos queridos. Perante Clárcio e Lírias, deliberava sempre recalcar sentimentos e calar indagações; mas o olhar materno encorajava-me. Alguma couss fazia-me sentir que minha mãe não se demoraria muito tempo a meu lado. Aproveitando o minuto que corria célebre, Interroguei:

— A senhora, que tem acompanhado o papai devotadamente, nada poderá informar relativamente à Zélia e às crianças? Aguardo, ansioso, o instante de voltar à casa, a-fim-de auxilia-los. Oh! minhas imensas saudades devem ser igualmente compartilhadas por eles! Como deve sofrer minha desventurada espôsa com esta separação!...

Minha mãe esboçou um sorriso triste e acrescentou:

— Tenho visitado meus netos periodicamente. Vão bem.

E, depois de meditar alguns instantes, acentuou:

— Não deves, porém, inquietar-te com o problema de auxílio à família. Prepara-te, em primeiro lugar, para que sejamos bem sucedidos; ha questões que precisamos entregar ao Senhor, em pensamento, antes de trabalhar na solução que elas requerem.

Quis insistir no assunto para colher pormenores, mas, minha mãe não reicidiu nele, esquivando-se, generosa. A palestra estendeu-se ainda longa, envolvendo-me em sublime conforto. Mais tarde, ela despediu-se. Curioso por saber como vivia até ali, pedi permissão para acompanhá-la. Afagou-me, então, carinhosa, e disse:

— Não venhas, meu filho. Esperam-me com urgência no Ministério da Comunicação, onde serei munida de recursos fluidos para a jornada de regresso, nos gabinetes transformatórios. Além disso, preciso ainda avisar-me com o ministro Célio, para agradecer a oportunidade desta visita.

E, deixando-me na alma duradoura impressão de felicidade, beijou-me e partiu.

## XVII

### EM CASA DE LISIAS

Não se passaram muitos dias, após a inesperada visita de minha mãe, quando Lírias me veio buscar, a chamado do ministro Clárcio. Segui-o surpreso.

Recebido amavelmente pelo generoso benfeitor, esperava-lhe as ordens com enorme prazer.

— Meu amigo — disse, afavel — doravante está autorizado a fazer observações nos diversos setores de nossos serviços, com exceção dos Ministérios de natureza superior. Henrique de Luna des por terminado seu tratamento, na semana última, e é justo, agora, aproveite o tempo observando e aprendendo.

Olhei para Lírias, como irmão que devia participar da minha felicidade indizível, naquele instante. O enfermeiro correspondeu-me ao olhar com intenso júbilo. Não cabia em mim de contente. Era o inicio de vida nova. De alguma sorte, poderia trabalhar, ingressando em escolas diferentes. Clárcio, que parecia perceber minha intraduzível ventura, acentuou:

— Tornando-se dispensável sua permanência no parque hospitalar, examinarei atentamente a possibilidade de sua localização em ambiente novo. Consultarei alguma de nossas instituições...

Lírias, porém, cortou-lhe a palavra, exclamando:

— Se possível, estimaria receber-lo em nossa casa, enquanto perdurar o curso de observações; lá, minha mãe o trataria como filho.